

A POSIÇÃO SUJEITO NA ILUSTRAÇÃO E NO CINEMA DE ANIMAÇÃO: DISCUTINDO A FUNÇÃO AUTOR

Roselene de Fátima Coito (DLP/UEM)
Verônica Braga Birello (UEM/PG-Letras/UEM)

Tema proposto

Nossa proposta de trabalho está pautada na literatura infantil e infanto-juvenil, na ilustração e no cinema de animação. Buscaremos apresentar a questão de autoria na visada foucaultiana. Com o desenvolvimento desse trabalho discorreremos acerca desta proposta de modo a entender qual a posição sujeito do ilustrador e do diretor cinematográfico em relação à autoria literária, uma vez que estaremos tratando da ilustração de livros infantis e da adaptação/tradução de um texto literário infanto-juvenil para o cinema de animação.

A respeito da literatura em si, Foucault chega à conclusão de que o nascimento da literatura é um efeito de poder que disciplina, obrigando a se falar do cotidiano, do banal, do íntimo e da intimidade. Embasando-se em Foucault, Machado (2000) afirma que a literatura na modernidade passa por uma transformação: o que era movido pelo prazer de contar e ouvir histórias centradas em narrativas heroicas e maravilhosas, passa a buscar a verdade de uma confissão inacessível. Portanto, a literatura, não se traduz por ser obra ou linguagem; seria um canal por onde a linguagem e a obra se comunicam e estabelecem relações entre si. Sendo assim, neste trabalho, pensamos a literatura como um conceito recente, pois conforme Foucault, não pensamos que a literatura seja a linguagem que se transforma em obra, mas a compreendemos como algo que pode ser dito da forma como é dito em um dado momento.

Por compreendermos a literatura como algo que pode ser dito da forma como é dito em um dado momento, é que pensamos a questão do literário infantil e juvenil na contemporaneidade. Dito de outro modo, mais especificamente o literário infantil e infanto-juvenil se firmam, tal qual o concebemos hoje, na sociedade brasileira somente com Monteiro Lobato. Seus livros infantis trazem, em sua maioria, textos ilustrados. Contudo, o olhar que se teve sempre para a ilustração foi de que ela não passa de um adereço ou complemento do texto verbal. Pelos estudos que viemos a realizar, esta afirmativa de adereço ou complemento verbal não se sustenta, pois podemos pensar: são dois tipos de linguagem, a escrita e o “desenho” e por isso o olhar analítico para cada qual não será o mesmo; ou, ao produzir um

gesto de leitura para as duas formas que o dizer tem de se inscrever simultaneamente significa que se produz um gesto interpretativo desta relação entre estas linguagens, sendo que esta relação se dá enquanto discurso. Os gestos de interpretação são constitutivos tanto da leitura, independente da mídia, quanto da produção do sujeito, sendo que explicitar os processos de significação é compreender como o texto produz sentidos através de seus mecanismos de funcionamento. De acordo com Chartier (2011) o ato de ler não seria assim uma relação transparente entre texto e leitor, quando se pensa a individualidades nas suas variações históricas, é preciso ter em mente as práticas das quais ele se apropria do texto, já que são históricas e socialmente variáveis, uma vez que o sujeito se apropria daquilo que o afeta. Dessa forma, o leitor lê/vê as ilustrações que lhe são apresentadas e as interpreta de alguma forma, ou seja, elas se constituem de e enquanto discursos que engendram e produzem sentidos.

Com o mesmo olhar e preocupação, pensamos o cinema de animação, que no nosso caso, veio de uma adaptação/tradução de um texto literário infanto-juvenil. A animação é uma arte que se relaciona ao movimento; sua técnica passou e passa pelo processo natural de desenvolvimento e evolução de acordo com as tecnologias desenvolvidas. Com o surgimento do cinema no final do século XIX, ficou claro que este tinha tudo o que era preciso para recontar os mais diversos textos escritos de forma diferente daquela que um livro poderia contar. Esse recontar envolve o papel de um outro sujeito: o cineasta. É pensando nestes sujeitos – ilustrador e diretor – que ocupam um lugar nos discursos – plástico e cinematográfico – que colocaremos a questão da autoria.

Objetivos

Em nosso trabalho propomo-nos a discutir a função autor em dois âmbitos: o ilustrador x autor literário e diretor de cinema x autor literário. Dessa forma, buscaremos refletir sobre o papel do ilustrador como uma posição sujeito no discurso que ele produz por meio da imagem que constrói paralelamente ao texto verbal. Buscaremos, também, refletir sobre o mecanismo de interdição do ilustrador e sua função ao produzir as imagens e por meio delas produzir sentidos. No mesmo sentido abordamos a questão do diretor de animação pensando no espaço que ele ocupa enquanto sujeito ao adaptar/traduzir um texto literário para as telas do cinema, em roteiro, imagem e outros aspectos que envolvem a linguagem cinematográfica.

Referencial teórico

Como já começamos a abordar em nossa introdução o referencial teórico de nosso minicurso constitui-se com base na teoria da Análise do Discurso (AD) em relação com o que fora discutido principalmente por Michel Foucault. Tendo abarcado noções básicas sobre ilustração, leitura e animação, trataremos aqui da função autor, da posição sujeito.

A função autor foi proposta em uma conferência proferida por Foucault em 1969. Essa função seria um espaço vazio que poderia ser ocupado por indivíduos diferentes em diferentes épocas e civilizações. De acordo com Foucault (2000b), ela não seria uma função uniforme, exercida sempre da mesma maneira, nem produziria os mesmos efeitos de sentido. Portanto, podemos pensar que, quando existe um deslocamento, é possível que o enunciado possa significar de forma diferente, mesmo que seja composto pelos mesmos vocábulos e escrito da mesma forma. Além disso, é preciso considerar, ainda, os diversos suportes que comportam essas transformações. Ao trocarmos a materialidade do texto, mesmo que o autor empírico seja o mesmo, a função autor já é deslocada. O sujeito ocuparia, então, uma posição transdiscursiva, ou seja, organizando discursos que não estão na materialidade do texto de partida. Segundo Foucault (2000b), a função autor caracteriza um modo de ser possível do discurso.

Entendemos assim que tanto o ilustrador quanto o diretor de animação poderiam ocupar esse espaço vazio selecionando, excluindo, organizando enunciados de diversas formas, sendo que, esses enunciados poderiam produzir efeitos de sentido diferentes, como por exemplo, as ilustrações de um livro poderiam gerar sentidos distintos daqueles representados pela sua materialidade verbal e ainda, um filme produzido a partir desse mesmo livro poderia gerar possibilidades de leituras diferentes da materialidade verbal e da ilustração. Tudo o que discutimos até aqui pode ser aplicado a esses sujeitos, pois, a partir da proposta de Foucault (2000b) a autoria deixa de ser uma posição imaculada, e passa a ser dividida por inúmeros sujeitos diferentes, podendo o ilustrador e o tradutor, ser um deles.

Metodologia

Primeiramente discutiremos o conceito de autoria no viés Foucaultiano. Nesta discussão traremos também o limite entre autoria e plágio, tanto como uma questão não só histórica como também discursiva. Após estas discussões teóricas traremos alguns recortes de ilustrações da literatura infantil de Clarice Lispector e as analisaremos enquanto um lugar em que o ilustrador se posiciona enquanto sujeito do seu dizer e enquanto uma função ocupada

numa linguagem outra, qual seja, a ilustração. E finalmente, recortaremos algumas passagens do filme de animação *Hauru no Ugoku Shiro*, escrito e dirigido por Miyazaki e faremos tal qual a análise sobre o ilustrador, a do escritor-diretor, até mesmo para verificar como se dá esta função-autor. Contudo, teremos a preocupação de pensar estes dois lugares discursivos – livro e tela- como lugares que exigem movimentos diferenciados de análise.

Considerações Finais

Acreditamos que esta proposta auxilie aos pesquisadores que se interessam pela questão da ilustração e do cinema de animação, por conta de nossa abordagem permitir embasar estudos que tenham como material de análise essas duas linguagens ou ainda materialidades que se configuram como tradução de um dizer em outro e como tradução ou adaptação de uma obra anterior na linha do tempo. Ainda, por meio de nosso percurso teórico-analítico, procuramos pontuar e analisar, de forma descritiva e interpretativa como as ilustrações e cenas cinematográficas são construídas e que dizeres constituídos e que constituem, de modo que os participantes poderão refletir acerca da construção de seus próprios materiais por meio de um viés discursivo que os permita identificar quem ocupa posição sujeito-autor em determinado momento.

Referências

CHARTIER, R. *Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Trad. Maria de Lourdes Meirelles Matecio. 2 ed. Campinas: Mercado das letras; Associação de leitura do Brasil (ALB), 2011.

_____. *O que é um autor? Revisão de uma genealogia*. Trad. Luzmara Curcino e Carlos Eduardo Bezerra. São Carlos: EduFSCAR, 2012.

DELEUZE, G. *O ato de criação*. Trad. José Marcos Macedo. Folha de São Paulo, 1999. Disponível em: <<http://ladcor.files.wordpress.com/2013/06/gilles-deleuze-o-ato-de-criao.pdf>> Acesso em: 24, mar. 2016.

LISPECTOR, Clarice. *A vida íntima de Laura*. 12.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

_____. *Quase de Verdade*. São Paulo: Siciliano, 1993.

_____. *A mulher que matou os peixes*. Ilustrações de Flor Opazo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. *O mistério do coelho pensante*. Ilustrações de Mariana Massarani. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

FOUCAULT, M. Linguagem e literatura. Trad. Roberto Machado. In: MACHADO, R. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000a.

_____. *O que é um autor?*. Trad. António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Passagens/Veja, 2000b.

MACHADO, R. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MIYAZAKI, H. *Hauru no Ugoku Shiro*. São Paulo: PlayArte, 2004. 1 DVD (120 min.), son. color.

RANCIÈRE, Jacques. *O destino das imagens*. Trad. Monica Costa Netto.Org. Tadeu Capristano. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. (Coleção artefissil)

SCHNEIDER, Michel. *Ladrões de palavras – ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento*. Trad. Luiz Fernando P N. Franco. Campinas: Editora da Unicamp, 1990 (Coleção Repertórios)